

PROJETO DE PESQUISA

1. Título:

AVALIAÇÃO, REGIONALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ações na Unemat

2. Área (s)/Linha (s) de Pesquisa contempladas (homologadas no CONEPE):

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, POLÍTICAS EDUCACIONAIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

3. Resumo (no máximo 300 palavras):

A educação superior vem desenvolvendo estratégias de avaliação influenciadas por políticas de ressonância internacional que repercutem nas decisões sobre investimentos e organização institucional. Muitas universidades passaram a preocupar-se com rankings nacionais e internacionais, tendo em vista as políticas do SINAES e avaliações da CAPES. Esses processos também marcaram relações entre sujeitos dentro das instituições. Instalou-se um vírus na academia face ao produtivismo exigido pelas avaliações classificatórias (Afonso,2015). A homogeneização dos processos pode esconder especificidades de ações pedagógicas, sociais e culturais ocorridas no âmbito local-regional que precisam ser desvendadas. Este é o objetivo do estudo, descobrir por meio das redes de colaboração dos docentes, ações desenvolvidas no ensino, pesquisa e extensão, que melhor caracterizam práticas educativas de caráter contrahegemônico às estratégias homogeneizadoras das avaliações. Trata-se de valorizar o caráter local-regional frente ao global-internacional (Dale; Santos; Goergen; Afonso 1998;2003;2015). O objeto de estudo serão ações docentes de diferentes áreas de conhecimento da Unemat. Para focar o objeto, a metodologia compreende: seleção sujeitos, análise currículos Lattes, grafos de redes de produção de conhecimento, entrevistas (55), localização de ações e produções que necessariamente não aparecem nas avaliações. Serão identificadas e categorizadas práticas pedagógicas que se dão no âmbito regional/local bem como as populações atingidas por elas. Trata-se de situar o alcance e o impacto da regionalização da educação superior no estado de Mato Grosso. Pretende-se igualmente trabalhar com o princípio da troca e da discussão com o coletivo docente sobre as ações detectadas. Os resultados serão documentados em artigos, relatórios, apresentação de trabalhos e no site do GEPAVE; serão discutidos com os sujeitos da pesquisa no intuito de pensar a função social da universidade e buscar a responsabilização compartilhada no desenvolvimento de ações que fortaleçam a regionalidade e as especificidades da universidade em tempos de internacionalização e globalização da educação.

4. Palavras chave (no mínimo 3; no máximo 5):

Universidade, Avaliação, Regionalização, Internacionalização

5. Participantes

Coordenadora: Elizeth Gonzaga dos Santos Lima

Vice-Coodenadora: Denise Leite

Membros:

Flávio Luiz Silva Jorge da Cunha

Jaime Santana Orro Silva

José Carlos de Lima

Paulo Henrique Alves Machado

Valci Aparecida Barbosa

Selma Gattass Dias Aires da Silva

Cristiane Otilia Colossi Bernhardt

Douglas Ehle Nodari

Enorê Faria Artioli

Leonardo Luan Martins da Silva

Marina de Fatima Souza

Mireli Aparecida Santos Motta

Richter Newton Trindade de Moraes

Neuso Geraldo da Silva

6. Vinculação

Grande Área de Conhecimento (Segundo CNPq): Ciências Humanas

Área de Conhecimento (Segundo CNPq): Educação

Sub-Área de Conhecimento (Segundo CNPq): Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais.

Duração do Projeto: 01/10/2016 a 01/10/2018

Proponente: Elizeth Gonzaga dos Santos Lima e Denise Leite

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT

Faculdade de Educação e Letras - Departamento de Pedagogia

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc

7. Introdução:

Analisar as Políticas de Avaliação e internacionalização da educação superior no contexto atual é uma questão emergente, complexa e de fundamental importância, se levarmos em consideração o cenário de construção da sociedade do conhecimento, as mudanças do mundo do trabalho, o processo de mundialização do capital e as alterações que vem ocorrendo no papel do Estado desde a década de 80. Com essas mudanças a centralidade do poder em disputa emana do conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento está associado a uma mercadoria e, aos princípios do mercado; quanto mais mercantilizado, mais condições para competir e adquirir poder. A produção do conhecimento passa a fazer parte dos acordos internacionais, das propostas dos organismos mundiais e das políticas governamentais dos países. A busca pelo conhecimento tornou-se uma necessidade urgente e adentrou o cotidiano das organizações, das instituições e da vida das pessoas. Estamos falando da sociedade do conhecimento emergente no contexto da globalização.

Em pesquisas anteriores nos preocupamos com as formas de produzir conhecimento científico nas universidades, buscando entender como as políticas educacionais, em especial as políticas de avaliação, incidem sobre a produção do conhecimento. Confirmamos também que o conhecimento científico tornado comercial pressiona os pesquisadores a produzirem mais em menos tempo e com menor custo para satisfação dos consumidores e das grandes agências publicadoras internacionais, reduzindo a responsabilidade pela transformação social, local e regional, consolidando, em primeiro lugar, a produção de um conhecimento comercializável.

Nesse contexto, é preciso tencionar a produção do conhecimento na universidade, antes que nos tornemos, enquanto pesquisadores e sujeitos do conhecimento, meramente executores de uma demanda de mercado. Como docentes e pesquisadores, temos sentido a pressão do produtivismo, que tem se acirrado cada vez mais, a partir das políticas de avaliação e internacionalização que se implantaram. Conforme afirma Akkari (2011, p. 13), "as Políticas internacionais se assemelham a movimentos planetários, lançadas em um país, elas são rapidamente apropriadas pelas elites políticas e poderosos grupos de interesses em outro país." Os movimentos se enraízam de diferentes maneiras no sistema educacional, atravessados por força de mudanças e reformas que são mundiais. Essas afirmações nos fazem questionar tais políticas na medida em que elas tendem a favorecer processos de homogeneização que tornam invisíveis as ações realizadas pelas universidades no âmbito local e regional. Como diz

Robertson (1994), essas políticas e mudanças reduziram a missão histórica de solidariedade social e coletiva e estão a dificultar o acesso aos serviços educacionais de populações desprivilegiadas. Enquanto o Estado investe uma parcela significativa de seu orçamento na educação superior, ele não consegue ter acesso ao que acontece no interior do sistema como consequência das políticas implantadas.

Ressaltamos que esta proposta é continuidade dos estudos que realizamos sobre as Políticas de Avaliação para a Educação Superior a partir da década de 90. Os resultados das pesquisas anteriores apontaram que as políticas de avaliação se desenvolvem na tensão emancipação/regulação. O caminho que estamos trilhando em nossas pesquisas nos levou à busca de possibilidades que venham fortalecer a universidade e a avaliação sustentada na emancipação. Estudamos a avaliação participativa como possibilidade contrahegemônica. Nos estudos de Santos sobre a emancipação, de Bourdieu sobre campo científico e espaço social e de Leite sobre a avaliação participativa e redes de colaboração em pesquisa, sustentamos teoricamente a defesa da avaliação participativa como alternativa para buscar conhecimento emergente nos espaços da universidade.

No contexto econômico atual a palavra chave para a construção da sociedade do conhecimento é a globalização por meio da internacionalização. É necessário pensar os processos de internacionalização sem descaracterizar os contextos local e regional das instituições. Assim perguntamos: Quais são as ações dos professores/pesquisadores que caracterizam o fortalecimento da identidade local e regional da Unemat? Que interfaces existem entre o local e o global? São algumas das questões que queremos analisar nesse estudo.

8. Objetivos Gerais:

Localizar ações de regionalização da educação superior que caracterizem contrapontos aos processos de avaliação e internacionalização instituídos na educação superior.

9. Objetivos Específicos:

1. Analisar a produção de conhecimento documentada nas redes, em artigos, livros, capítulos e anais de eventos de docentes selecionados;
2. Construir grafos que mostrem as redes de colaboração e ligações destes sujeitos;
3. Localizar ações de ensino, pesquisa e extensão, e outras, desenvolvidas pelos professores/pesquisadores documentadas em suas redes de colaboração;
4. Identificar as percepções dos docentes sobre estas ações a partir de entrevistas realizadas;
5. Categorizar as ações identificadas em seus distintos níveis de alcance e em relação aos processos de regionalização da universidade;
6. Caracterizar impactos das ações nos contextos locais e regionais;
7. Contrapor ações locais/regionais e práticas de internacionalização e avaliação das IES.

10. Justificativa:

Neste estudo partimos de dois processos que marcam as universidades contemporâneas – a internacionalização e a avaliação. Quando falamos internacionalização parece que enfatizamos a mobilidade docente ou discente, a mais conhecida estratégia. Porém, estamos a nos referir às tendências de globalização da educação superior, às relações universitárias para além do estado-nação; aos valores que levam à uma identificação com o capitalismo acadêmico, aquele que bem conhecemos como produto das avaliações que incidem sobre o produtivismo e o necessário empreendimento individualizado, uma tendência global de mercantilização do conhecimento. Estamos falando também da chamada “Livre corrente de ideias, capitais, pessoas e bens ao redor do mundo” e da hegemonia capitalista com possível perda de identidades e culturas nacionais (Marginson & Rhoades, 2002; Green Eckel 2002 apud Morosini 2006).

As experiências que vivenciamos nos levam a questionar a produção do conhecimento que aparece nas avaliações – aquele que está documentado nas publicações, e pensar que docente como sujeito que produz esse conhecimento faz mais do que aparece. Como estamos produzindo? O que estamos efetivamente fazendo no âmbito local e regional, em que tempo? Com que qualidade? O sujeito do conhecimento está sendo desqualificado frente ao quantitativismo imposto pelas políticas de avaliação, porém, ele age efetivamente sobre as comunidades e estas ações nem sempre emergem, nem sempre se tornam visíveis.

A nosso ver, a avaliação está a carregar implicitamente uma concepção de educação, que serve ao desenvolvimento e consolidação dos princípios neoliberais, produção, liberdade de escolha, princípios de mercado; produzir mais, em menos tempo e menor custo. Nesse sentido, a produção do conhecimento está a ser afetada pelas políticas educacionais, nacionais atravessadas pelas agendas internacionais (Akkari, 2011; Dale;) que definem os parâmetros de qualidade e utilizam a avaliação como princípio, meio e fim para garantir que o conhecimento seja produzido com esses valores. Assim, nos parece essencial *pensarmos a função social da universidade e a qualidade do que está sendo produzido e disseminado verdadeiramente pelas práticas de docentes/pesquisadores no nível local e regional em contraposição aquilo que lhe é exigido no nível nacional/internacional de suas publicações.*

Como sabemos, os impactos do viés neoliberal com o aumento da produtividade sob o comando do mercado e controle do Estado tem se manifestado nas ações diárias da vida docente. Como docentes da Educação Superior nos níveis da graduação e da pós-graduação temos sentido cotidianamente a precarização do trabalho docente em nome de uma questionável e pretensa qualidade. Com um regime de trabalho exclusivo para a universidade e uma pressão produtivista, manifestada pelos parâmetros de qualidades definidos pelas Políticas Educacionais e controlados pela Avaliação, nossas atividades acadêmicas estão se resumindo ao quantitativismo.

Nas reuniões de docentes, por exemplo, no interior dos Programas de Pós-graduação e nas discussões externas que emergem nos fóruns e encontros de educação, o que temos observado é uma preocupação em atingir as metas propostas pelas políticas, alcançar indicadores e parâmetros definidos pelas políticas de avaliação. Entre os docentes, observamos um mal-estar, que se por um lado resulta da pressão pois discordam de tais políticas, por outro, não vêm alternativas a não ser entrar no jogo e adequar-se às regras para se manterem, do contrário, estarão fora do jogo. Nosso estudo nos remete a pensar alternativas contrahegemônicas, pois que ainda acreditamos na implantação da avaliação como possibilidade de instaurar nos espaços da universidade e nas atitudes dos sujeitos os princípios da emancipação, mesmo em tempos de globalização.

A nossa vivência demonstra a docência sucumbida pela produtividade.

Atualmente, desempenho atividades ministrando aulas na graduação e na pós-graduação, sou líder de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, coordenadora de

um Projeto de pesquisa com financiamento da FAPEMAT, membro de um projeto de pesquisa em parceria com a UFMT, outro projeto – internacional - com a Ufrgs; oriento 03 bolsistas de Iniciação Científica, 03 Trabalhos de Conclusão de Curso na graduação e 02 orientandos na pós-graduação; ainda auxilio a gestão nas questões referentes à avaliação como coordenadora da Comissão Própria de Avaliação - CPA, membro da Comissão Permanente de Avaliação do Desempenho Docente - COPAD e do conselho da pós-graduação. Planejo e organizo eventos, como o V Seminário de Pesquisa (2016). Essas atividades estão acompanhadas pelas cobranças dos produtos, que são necessários, como relatórios semestrais, prestação de contas, preparação das aulas, orientações acadêmicas, correções de trabalhos, projetos e avaliações sobre o rendimento dos acadêmicos, atualização do currículo lattes, e, quero enfatizar as publicações que também precisam atingir o mínimo determinado pela CAPES para continuar como docente da pós-graduação. É nessa condição que estamos produzindo e disseminando o conhecimento, que na nossa perspectiva, deve contribuir para a transformação social (Profa. Dra. Elizeth).

O que apresentamos acima são recortes da correria da vida acadêmica e a falta de oportunidade e de tempo para refletir, pensar, estudar, face ao acúmulo de atividades necessárias para atingir as metas e os indicadores das avaliações. Lewis Carroll, citado por Bauman (1999, p. 64) diz: “é preciso correr o máximo que você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa do que isso!”. Como docente de uma universidade que está distante dos considerados grandes centros, e dos Programas de Pós-graduação consolidados que atendem os parâmetros de qualidade da CAPES, sofremos de outro problema para atender os parâmetros exigidos, a dificuldade para publicar em periódicos *qualis* e internacionais. Esses são considerados como principais indicadores de qualidade da pós-graduação. Mesmo com a globalização das informações pelas redes mais sofisticadas da internet, sentimos dificuldades de inserção de nossas publicações nas revistas consideradas “*Qualis*” e naquelas que vão servir aos processos de internacionalização de nossas universidades. No caso, publicações em inglês a língua franca da ciência.

Nesse contexto, é preciso buscar alternativas. Hernan Chaimovich ‘(2016, ...) presidente do CNPq “falou sobre a importância de mudar a maneira de avaliar a qualidade da ciência, muito focada em números e resultados, quando se deveria pensar no impacto que esse conhecimento deve ter na sociedade”. E, mais, acrescentou: “(...) a ciência deve gerar impacto intelectual, social e econômico.

Por impacto intelectual, o autor acima, descreve as ideias que produzem novas ideias, que fazem a humanidade mais sábia e que permitem formar gerações de novas ideias.

Já o impacto social está relacionado ao conhecimento produzido capaz de influenciar políticas públicas, que possa diminuir a desigualdade, ou mesmo que possa reduzir, por exemplo, o tempo de espera na fila do SUS; ou, ainda, que aumente o envolvimento social com a ciência.

Por fim, o impacto econômico corresponde às ideias que criam empresas e geram empregos, que aumentam a competitividade e criam setores industriais”.

“Não podemos só prometer, temos que mostrar o impacto de tudo que já fizemos”, alerta o presidente, “sobre a importância de se avaliar estrategicamente os projetos de pesquisa, pensando justamente em como ele vai gerar impacto na sociedade”. Ora, a educação trabalha a longo prazo, seus impactos serão vistos após o completamento da formação dos alunos e dos novos professores, o que pode levar décadas de esforço e compromisso para caracterizar um *impacto econômico e social e intelectual*. Contudo, os docentes da educação, no curto prazo, não trabalham apenas com o *impacto intelectual sobre o aluno*, eles agem diretamente sobre as comunidades em uma ação que envolve práticas pedagógicas e políticas de curto e médio alcance. Tais ações fortalecem a regionalização, têm efeitos sobre sujeitos e contextos locais. São ações que não resultam em indicadores de avaliação para medida imediata, que atendam a critérios da Capes ou do Sinaes. São exatamente estas ações feitas na Unemat, aquelas que consideramos de caráter contrahegemônico, dada sua contextualização local e regional, seus efeitos sobre comunidades social e culturalmente excluídas, que queremos fazer emergir nesta pesquisa. A contraposição do local-regional frente ao que está a ser exigido nas avaliações vigentes justifica a busca das ações emergentes.

11. Resultados Esperados:

- Mapeamento de ações locais e regionais de caráter contra-hegemônico aos processos de avaliação e homogeneização da educação superior.
- Listagem de um rol de impactos intelectuais (educativos, formativos), sociais (culturais e políticos) e econômicos (empreendimentos e solidariedades) decorrentes das ações localizadas.
- Traçado de um mapa das ações considerando os diversos campus pesquisados.

12. Hipóteses ou Questões Problemas:

Ações emergentes no campo das práticas pedagógicas, desenvolvidas nos campus da Unemat pelos docentes/pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento comprometidas com processos de regionalização e especificidades local da IES.

13. Materiais e Métodos:

Materiais:

Currículos Lattes

Grafos de redes de colaboração

Entrevistas gravadas e transcritas

Publicações docentes – livros e artigos com relatos de suas ações

Metodologia

Utilizaremos como metodologia a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Essa abordagem exige do pesquisador uma habilidade ou aprendizagem para observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, grupos e entre pessoas e instituições. Se bem utilizada, a abordagem qualitativa possibilita um conhecimento mais profundo e subjetivo do problema pesquisado.

Os investigadores qualitativos entendem os seus trabalhos pautados no estudo do comportamento humano e consideram que este é demasiadamente complexo e de caráter essencialmente interpretativo. Para André (1995), a abordagem qualitativa de pesquisa surge no final do século XIX, quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das Ciências Físicas e Naturais (perspectiva positivista de conhecimento) serviria, ainda, como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. Weber e Dilthey contribuem significativamente para o desenvolvimento da abordagem qualitativa, ao defenderem que o foco da investigação deve centrar-se na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos as suas ações, colocando os significados dentro de um contexto.

“O objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual pessoas constroem significados e em que consistem estes mesmos significados”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994 p.70).

Na pesquisa qualitativa, várias técnicas podem ser utilizadas, dentre elas destacam-se as entrevistas não direcionadas e semi-estruturadas, questionários abertos, observação participante e os grupos focais.

Nesta pesquisa escolhemos para coleta de dados:

Análise documental - Nessa fase será realizado um levantamento documental sobre políticas de integração regional; levantamento da produção intelectual de 55 docentes selecionados de 5 departamentos/programas de mestrado da Unemat;

Entrevistas - Serão analisadas as entrevistas já realizadas no Projeto de Pesquisa anterior com 55 professores/pesquisadores dos diversos Campus da Unemat e que estão credenciados nos Programas de Pós-Graduação do Campus de Cáceres. Nessas entrevistas buscaremos verificar as pesquisas que os professores desenvolvem, identificando as ações locais e regionais e o impacto dessas para a regionalização e internacionalização da Unemat.

Análise das redes de colaboração dos pesquisadores/professores - Levantamento de dados dos currículos Lattes e traçado dos grafos das redes de produção intelectual dos docentes selecionados. Serão analisadas as redes de colaboração dos pesquisadores por meio dos seus currículos lattes e seus grupos de pesquisa, identificando as produções acadêmicas, o nível de regionalização e internacionalização e o impacto dessas produções para a Unemat.

;

Análise e integração dos dados - As análises serão realizadas por meio da triangulação das informações e dados coletados na identificação e caracterização das produções acadêmicas, dos projetos desenvolvidos, das falas dos professores/pesquisadores. O mapeamento das ações desenvolvidas pelos professores/pesquisadores são partes que em conjunto darão consistência à explicação do todo e respostas às questões levantadas. Serão utilizadas, ainda, as técnicas de análises de redes sociais.

Questões Problemas:

- Quais conhecimentos, quais estudos estão relacionados ao mercado?
- Quais estudos, quais conhecimentos estão voltados para melhoria de vida dos sujeitos?
- Quais estudos relacionam universidade e escola?
- Quais ações, quais práticas pedagógicas produzem impacto intelectual, social, cultural, político e econômico?

Base teórica para análises:

Boaventura de Sousa Santos; Paulo Freire; Dale Robertson; Susan Robertson; Abdejalil Akkari; José Dias Sobrinho; Vera Peroni; Pierre Bourdieu, dentre outros.

Por fim, as análises da produção científica dos professores/pesquisadores dos 05 cursos de Pós-graduação stricto sensu (Programa de mestrado em: Educação, Ciências ambientais, Linguística, Literatura e Ecologia) da UNEMAT, nos conduzirá a localização e mapeamento das ações de regionalização de caráter contra-hegemônico aos processos de globalização e homogeneização da educação superior.

14. Referencial Teórico:

“Entende-se por regionalização da produção do conhecimento a construção coletiva de um saber regional que permita enfrentar criticamente os desafios colocados às sociedades nesta fase da economia globalizada. Nesse sentido, as construções coletivas da produção do conhecimento regional pressupõem que os pesquisadores e suas instituições passem a pensar-se a si próprios fora dos limites nacionais e assumam enfoques transnacionais”, dizem Krawczkik e Sandoval (2012, p. 663) ao alertar sobre o momento vivido pelas universidades. Acrescentam que os processos de integração, sejam em nível de Mercosul ou outros, não podem prescindir nem de “incentivos oficiais nem da geração de um significado simbólico de integração no interior da comunidade acadêmica” (2012, p.649). Nas entrevistas que realizaram, os informantes identificaram a regionalização da universidade como sinônimo de internacionalização.

Estamos a viver intensamente na universidade os processos de avaliação e internacionalização com as suas consequências; conhecemos pouco o referencial sobre regionalização e internacionalização do qual trata esta investigação, via de regra estudados sobre

a forma de críticas à globalização. A globalização e a mercantilização da educação superior são fenômenos muito estudados no mundo acadêmico. Roger Dale aponta a internacionalização das instituições de educação superior como uma pretensão hegemônica dos países centrais. Segundo ele, adquire duas formas principais, uma delas seria intitulada *Cultura Educacional Mundial Comum* (CEMC) e a outra, *Agenda Global Estruturada para a Educação* (AGEE). A CEMC defende que a universidade e os sistemas de educação superior sempre foram internacionalizados; desde sempre se trabalhou, por exemplo, com categorias curriculares semelhantes e modelos universais de Educação. De certa forma os modelos não seriam puramente nacionais, pois, de alguma maneira, seriam cópias e reproduções de outros existentes em diferentes países que viriam a ser multiplicados internacionalmente. Particularmente poderíamos denominar este modelo como ‘Modelo Ctrl C, Ctrl V’, porque a formação de um médico, advogado, dentista, agrônomo, professor seria a mesma na Europa, América, Ásia. Nessa perspectiva haveria uma qualidade universal que dispensaria, inclusive, as avaliações e creditações!

Na outra abordagem de Dale (2004, p.437), entraria a AGEE, *Agenda Global Estruturada para a Educação*, na qual, diz, a globalização mostraria suas forças, a imposição de modelos de controle de qualidade. O processo seria contraditório porque as economias dos chamados países desenvolvidos competem com as economias daqueles em desenvolvimento e emergentes. A educação superior seria um negócio e a qualidade valorizaria o bem no mercado. A “abordagem AGEE vê o capitalismo como a força causal, conduzida pela procura do lucro (Dale, 2004, p.438).” De qualquer sorte, as duas abordagens justificam a procura de qualidade através da internacionalização. São posições que poderiam explicar os movimentos em prol das avaliações e creditações internacionais, em favor das competências curriculares e do processo de Bolonha transplantado para a América Latina. A posição AGEE poderia estar na base das ações de agências como BM, Banco Mundial, através da GIQAC (Global Initiative for the Capacity of Quality Assurance), do Banco Santander, através do conhecido Universia, e seus múltiplos programas de financiamento de mobilidade e projetos universitários, da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), da Comunidade Europeia e seus programas de integração com América Latina e Caribe (Leite e Genro, 2011). Ou seja, a força das agências hegemônicas do capitalismo global estaria a influenciar os sistemas de educação superior nacionais, a valorizar a importância da internacionalização e da avaliação.

Segundo Peroni (2003, p. 110), “quase todos os últimos acordos assinados entre o Brasil e o Banco Mundial tiveram um componente de avaliação educacional, visando verificar a efetividade das ações geradas nos Projetos”.

A diversidade e a diferença incomodam e desestabilizam. A regionalização principalmente do conhecimento, se sustenta na força da diferença e da diversidade ao que está posto pelos processos de globalização, internacionalização e avaliação regulatória das universidades. A nossa universidade no Brasil, precisamos salientar, não nasceu como um modelo transplantado de Europa pelo colonizador. Ela se criou dentro de um *esprit du temps* que levou o Brasil a se tornar moderno para ser reconhecido pelo mundo. E não será o modelo desejado pelo novo imperialismo e produzido pelo *soft power* de uma acreditação homogeneizadora internacional que irá dizer quem tem e quem não tem qualidade no nosso sistema de educação superior.

Por outro lado, a primazia do conhecimento gera uma expectativa em relação a educação, que passa a ser um instrumento útil para o desenvolvimento da sociedade. Segundo Moraes (2001) prolifera nos dias de hoje desmedida confiança nas possibilidades da educação. Governo e oposição, filósofos, teólogos, cientistas, sindicatos e empresas, locutores e jornalistas, o povo nas ruas, todos parecem reconhecer-lhe uma indisputável primazia. E não é de surpreender que seja assim. Afinal, é sempre em tempos adversos, como os que vivemos, que a educação galga os degraus mais altos do reconhecimento público e o imaginário popular reveste-a com a velha fantasia salvacionista, cujos exemplos a história os têm em grande número para contar.

O discurso sobre o conhecimento está presente na reconfiguração da sociedade. Esta reconfiguração é consequência de múltiplas determinações econômicas, sociais e políticas. A crise gerada pelo capital traz um novo desenvolvimento que, se por um lado, fascina pelas facilidades que os avanços tecnológicos trazem, por outro, amedronta com o afastamento dos sujeitos como centro das mudanças, o esquecimento do sujeito como pessoa está gerando também uma crise existencial. O mundo contemporâneo vive a imposição dos imperativos capitalistas em todas as esferas da vida humana. A reconfiguração do estado de bem estar social para o estado de controle, traz consequências que consideramos perversas para a existência humana. O discurso da produtividade tem desenfreado a produção do conhecimento como forma de competir no mercado de trabalho, o que gera muita ansiedade e medo nas pessoas, que precisam a cada dia conhecer e produzir mais para se tornarem úteis para o crescimento e

desenvolvimento social.

Moraes (2001), estudando essa centralidade da educação nas políticas internacionais e nacional, apresenta duas razões que podem justificar tal centralidade. Em primeiro lugar, porque a educação, ela própria, tornou-se mercadoria mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento das práticas educacionais. Um produto a mais entre os muitos a serem consumidos. Em segundo, porque a ela é atribuída a função de formar a força de trabalho com as “competências” necessárias para atender ao mercado.

Moraes (2001) continua discutindo a questão do conhecimento e afirma que os destinos da educação, desse modo, parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do “conhecimento”. Como decorrência, os sistemas educacionais dos vários países sofrem pressões para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas a preparar as novas gerações e, além da atualização do sistema escolar, a criarem mecanismos para uma educação continuada, uma educação para toda a vida. A educação, enfim, adequada à sociedade na qual todos os lugares são lugares de aprendizagem.

Nessa sociedade do conhecimento a educação está sendo colocada como a salvação, em especial a universidade que tem a função de ser produtora e disseminadora do conhecimento. É preciso questionar qual o conhecimento estamos produzindo.

Para Dias Sobrinho (2002, p. 35), as políticas empreendidas pela União Européia de ajuda financeira aos países mais pobres, aqueles que sofrem atrasos em seus processos de desenvolvimento, como exemplo, o Brasil, produziram a necessidade de avaliações sistemáticas com o propósito de apreciar a eficácia das intervenções e seu impacto. A definição de Estado Avaliador está sustentada no modelo de controle estatal. “Estado Avaliador é uma nova forma de coordenação e regulação dos sistemas de educação superior e da relação entre Estado e universidade” (SANTOS FILHO, 2000, p. 161).

Santos (1999, p. 187 a 226), discute as funções da universidade desde o seu surgimento e diz que ela surge com as funções de busca de verdades, transmissão da cultura, ensino das profissões, investigação científica e educação dos novos homens de ciência. A partir da década de 60 do século passado, há uma reivindicação do envolvimento da universidade e do conhecimento por ela produzido, na resolução de problemas econômicos e sociais. Para Santos (1999, p. 188), o apelo à prática se deu em decorrência das transformações da ciência em força

produtiva, do desenvolvimento tecnológico e da competitividade internacional da economia, consequência dos avanços que ocorreram na modernidade. A universidade, segundo Leite (2010) passa a sofrer transformações e é *redesenhada* a partir do modo de produção capitalista vigente. O *redesenho capitalista da universidade*, a universidade afetada por essas lógicas, redesenhada, dá lugar à *pós-universidade empreendedora* que se alia ao pesquisador empreendedor de seus trabalhos e de seus grupos e redes de pesquisa que podem mesmo transformar-se em verdadeiras microempresas da pesquisa.

Dias Sobrinho (2005b, p. 29-44), faz uma análise do desenvolvimento da universidade e diz que ao longo de sua história a universidade mostrou-se necessária para o desenvolvimento da humanidade e tem sido o mais importante espaço produtor do domínio técnico do homem sobre a natureza e da consciência do homem sobre essas transformações. E continua dizendo:

Ao longo de nove séculos de sua história, a universidade tem formado inteligências e personalidades, produzido conhecimentos e técnicas, desenvolvido os instrumentos e artefatos que impulsionam as fábricas e tem sido a instância crítica e criativa da cidadania e da vida democrática. (...). Ela é um espaço social em que os sujeitos sociais se formam e se constituem por intermédio de suas ações e experiências com o saber e com os outros. (DIAS SOBRINHO, 2005b, p. 30)

As mudanças ocorridas com a reestruturação do capitalismo e a implantação de uma nova ordem mundial, a globalização sustentada pela política do neoliberalismo, trouxe à tona uma discussão sobre os fins da universidade. Para Goergen (2005, p.12), a crise da universidade acontece numa tripla dimensão: *a crise conceitual, a crise contextual e a crise textual*. A primeira é definida pela falta de clareza sobre o que é ou como deveria ser uma universidade, especialmente no Brasil onde existe uma variedade de instituições acadêmicas de nível superior. A segunda está ligada às relações universidade/sociedade e às transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, à relevância que assume hoje a ciência e a tecnologia, falamos de “sociedade do conhecimento” e segundo esse autor, ciência e tecnologia se tornaram o principal fator produtivo. Além desse aspecto central, existem outros como: a mobilidade social, a instabilidade no meio profissional, a agilidade da disseminação de informações, a globalização econômica e cultural que desestabiliza as estruturas tradicionais da universidade. A terceira crise, a textual, abrange internamente a universidade, seus conteúdos, suas formas de

ensino, sua relação com a ciência e a tecnologia, com os sentidos éticos e sociais daquilo que faz ou deixa de fazer. Esse autor resume as várias facetas da crise universitária num só termo: “a universidade passa por uma crise de identidade”. Ela está insegura quanto ao seu papel e suas tarefas na sociedade contemporânea.

Percebemos que essa insegurança tem levado as pessoas, que fazem a universidade e constroem um projeto de educação superior, a cederem às pressões, tanto da sociedade como do Estado, e voltar suas atividades de pesquisa muito mais para atender uma demanda do mercado do que para a transformação social, transformando o conhecimento em mercadoria. Dessa forma, o projeto de universidade passa a se sustentar na ética utilitarista. Nesse amálgama a produção do conhecimento encerra-se em um conflito.

Este conflito está posto quando a universidade tenta fugir do redesenho, voltar-se para as comunidades, regionalizar-se, tratar de incluir os des-incluídos, redesenhar o seu papel, investindo na função de produzir conhecimento para a transformação da sociedade local. Goergen (2005, p. 14) contribui com essa análise dizendo:

Os mecanismos da globalização e da internacionalização, diretamente atrelados ao sistema capitalista neoliberal, podem trazer e certamente trazem embutidos valores e visões de mundo, modos de ver e interpretar as relações culturais e de convivência humana que, ao invés de incorporadas, devem ser rejeitadas pela universidade. (...) Como dar conta de sua pertinência local, da promoção dos interesses, necessidades, carências e especificidades da comunidade à qual pertence e, ao mesmo tempo, responder às dimensões e exigências mais amplas do mundo globalizado é uma dentre tantas outras questões que precisam ser enfrentadas aberta e criticamente. (GOERGEN 2005, p. 14)

Este é o objetivo desta pesquisa – enfrentar acriticamente e abertamente o que está sendo posto como verdade para a universidade, desvelando outras instâncias de sua ação, instâncias pouco conhecidas como o são aquelas das ações com pertinência local/regional.

As nossas experiências acadêmicas confirmam os efeitos das avaliações para a emergência de uma identidade universitária no viés do modo de produção capitalista. Neste Projeto consideramos necessário enfatizar, contrapor à esta perspectiva, uma produção de

conhecimento que serve a um projeto de universidade contrahegemônico, ou seja, que está posto na contramão das pressões que afetam os docentes-pesquisadores. Não se trata de negar estas pressões, a busca de qualidade, a necessidade das avaliações regulatórias ou a importância dos rankings e dos processos de mobilidade, de internacionalização das universidades. Trata-se, isto sim, de fazer emergir as ações e os conhecimentos relatados nas publicações, documentados nos currículos Lattes, nas redes de pesquisa dos investigadores, nas entrevistas que captam suas percepções. Trata-se de categorizar estas ações e revelar os *impactos, intelectuais, sociais, culturais e, mesmo os econômicos* (economia solidária principalmente) que estão a ocorrer, fruto das práticas pedagógicas que ocorrem na Unemat em seus diferentes campi, e que serão mapeados segundo os territórios em que acontecem tais ações. Ou seja, queremos nesta pesquisa, contribuir para as construções coletivas da produção do conhecimento regional; contribuir para que nós os pesquisadores consigamos pensar sobre nosso fazer e saberes e, com isto, valorizar o que é local e regional, e defender um perfil de instituição única no país.

15. Cronograma de Atividades:

CRONOGRAMA FÍSICO-FINANCEIRO

Atividades	Período de realização	CUSTO	Responsável
1 – consolidação do Grupo de estudos e pesquisa em Avaliação Educacional (GEPAVE) na UNEMAT com a finalidade de produção, divulgação e ampliação do conhecimento produzido pela UNEMAT na área de avaliação.	Outubro/2016	8.788,70 (Esse custo envolve todas as atividades seguintes, sendo que os materiais bibliográficos e permanentes ficarão disponíveis no laboratório e serão utilizados em todas as etapas.)	Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas)
2 -Realização de Encontros de Estudos com a participação do Grupo de Pesquisa InovAval da UFRGS com a finalidade de analisar os resultados da pesquisa e produção de publicações conjuntas.	Fevereiro/2017	10.476,60	Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas) e Grupo InovAval/UFRGS.
3 Reuniões de estudos no laboratório - GEPAVE	1 vez por semana durante toda a realização do projeto.		
4 - Reunião com os Coordenadores dos Programas de Mestrado da UNEMAT	Julho/2017		
5 - Construção do perfil dos Programas de Mestrado da UNEMAT observando o clima institucional existente, a construção do APCN, a efetivação dos conselhos, as publicações dos docentes, os grupos de pesquisas existentes, as parcerias e as formas de tomadas de decisão.	Julho/2017 a dezembro/2017		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas)
6- Análise das entrevistas já realizadas com os 55 pesquisadores	julho/2017 a dezembro/2017		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas).
7 - Análise dos currículos lattes dos pesquisadores	jan/2018 a julho/2018		Analista de Sistema, Matemático/estatístico e bolsistas.
8 – Encontro entre pesquisadores para discussão dos resultados da Pesquisa	agosto/2018		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas) e Grupo InovAval/UFRGS.
9 - Encontros com os participantes dos Programas de Mestrado da UNEMAT para discussão dos resultados da pesquisa.	Setembro//2018		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas) e Grupo InovAval/UFRGS.
10 - Elaboração de relatórios parciais	outubro/2018		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas) e Grupo InovAval/UFRGS.

11- Elaboração do relatório final da pesquisa	Novembro/2018		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas).
12- Apresentação do relatório na universidade	Dezembro/2018		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas).
13 – Publicação dos resultados em eventos, livros e periódicos.	Durante todo o período, priorizando a publicação dos resultados finais.		Equipe do Projeto (Coordenador, pesquisadores e bolsistas) e Grupo InovAval/UFRGS.

16. Orçamento detalhado:

Metas	I - ITENS DE CUSTEIO					JUSTIFICATIVA
1 – Garantia da infraestrutura básica para consolidação do Grupo de estudos e pesquisa em Avaliação Educacional (GEPAVE) na UNEMAT	a) Material de consumo					O GEPAVE funciona em uma sala disponibilizada pela UNEMAT e possui 01 computador e 01 impressora laser e necessita de materiais de consumo a fim de garantir o funcionamento desses equipamentos.
	Unid	Toner para impressora laser	6	389,95	2.339,70	
	Resma	Papel A4	20	16,00	320,00	
		Subtotal			2.659,70	
	d) Passagens e diárias					O GEPAVE realizará um encontro de avaliação na UNEMAT com pesquisadores da rede de pesquisa InovAval da UFRGS para analisar os resultados da pesquisa e viabilizar publicações conjuntas, para tanto necessita de passagens e diárias. Também será realizada a visita aos campi da UNEMAT para coleta de dados e entrevistas.
2- Visitas aos Programas de Pós-Graduação da UNEMAT nos diversos Campus para observação “in lócus” e realização de entrevistas com pesquisadores e gestores.	Diárias para pesquisadores da UNEMAT e UFRGS					
	(dia)	Diárias ()	20	187,83	3.756,60	
3- Realização de Encontro para Estudos com os pesquisadores do Grupo de Pesquisa InovAval a fim de produzir artigos sobre os resultados da pesquisa.	Passagens (pesquisadores UNEMAT e UFRGS)					
	Unid	1) Passagem aérea: Cuiabá/Porto Alegre/Cuiabá.	6	750,00	4.500,00	
	Unid	2) Passagens aérea Campi UNEMAT (SINOP, Tangará da Serra e Nova Xavantina)	6	370,00	2.220,00	
		Subtotal			10.476,60	
	II - ITENS DE CAPITAL					Os itens de capital solicitados serão utilizados no Laboratório de pesquisas em avaliação educacional, ampliando a infraestrutura e garantindo a qualidade das pesquisas que estão
4- Aquisição de bibliografias e equipamentos para estudos	a) Material Bibliográfico					
	Unid	livros (conforme bibliografia que segue)	40	35	1.400,00	

Anual	-Assinatura da Revista Avaliação	3	60	180	sendo desenvolvidas pelos pesquisadores a partir da ampliação das referências bibliográficas disponibilizadas para estudo, debates e discussões. Ainda necessitamos de equipamentos como 01 notebook e 01 data show para uso em palestras em outros locais fora do laboratório e 01 máquina fotográfica para registros.
	Subtotal			1.580,00	
b) Equipamento		Valor (R\$)			
Unid medida	Especificação	Quant.	Unitário R\$)	Total (R\$)	
	Note book Completo (Dell latitude E6320) 13", Windows 7 professional Original , Processador Intel Core I5-2520, Memória 2GB - DDR3, HD 320 GB, 7200 RPM gravador de CD e DVD combo, rede 10/100, fax modem 56K, internet sem fio,	1	3.049,00	3.049,00	
	Data Show Sony 2.000 lumens	1	1.500,00	1.500,00	
	Total			4.549,00	
	TOTAL GERAL			19.265,30	

17. Referências Bibliográficas (Conforme Normas da ABNT):

1999.

2000.

AFONSO, Almerindo J. (2003) "Estado, globalização e políticas educacionais: elementos para uma agenda de investigação". Revista Brasileira de Educação, nº 22, pp. 35-46.

AFONSO, Almerindo J. O vírus da (sobre)vivência acadêmica.

AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das políticas educacionais. Transformações e desafios.** Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

ANDRÉ, Marli Elisa. Texto, contexto e significados. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo (45): 66-71, maio 1983.

avaliação institucional participativa. Vozes, Petrópolis- RJ, 2005.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey.* Tradução de Cezarino, Guilherme. 1ª

BARBETA, Pedro Alberto. *Estatística Aplicada às Ciências sociais.* 5 ed revisada, 2ª

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo.* Presses Universitaires de France. Trad. Reto, Luís Antero e Pinheiro, Augusto. Edições 70, Brasil – RJ, 1977.

BOGDAN Robert, BIKLEN Sari, *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Trad. Alvares, Maria João; Santos, Sara Bahia; Baptista, Telmo Mourinho, Porto Editora: Porto Codex, Portugal, 1994.

BOURDIEU, Pierre. As estruturas sociais da economia. Porto: Campo das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas.* Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. Editora Brasiliense, São Paulo, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico.* Trad. Fernando Tomaz. 7 ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004a. 218

Brasileira, Rio de Janeiro, 2002.

Canto, Isabel e Hannah, Janet. Colaboração (Neocolonial) avançada - um novo modelo de parceria entre o centro e a periferia. **RBPG.** Brasília, v. 3, n. 6, p. 214-233, dez 2006.

Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: um discurso sobre as ciências revisitado.

CORSANI, Antonella. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In: GALVÃO, A; Silva, G. e Cocco, G. **Capitalismo cognitivo. Trabalho, redes e inovação.** Rio de Janeiro, D P & A, 2003. p.15-32.

Cortez, São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 29 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de (org) . *Dialética da inclusão e da exclusão: por uma qualidade negociada e emancipadora nas escolas*. Texto digitado.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Qualidade negociada: Avaliação e contra-regulação na escola pública*. Revista Educação e Sociedade, vol 26, n.92, p. 911 – 933, especial – Campinas, out. 2005b.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Uma Pós-modernidade de Libertação: reconstruindo as esperanças*. Autores Associados, Campinas – SP, 2005a. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

GOERGEN, Pedro. A Avaliação Universitária na Perspectiva da Pós-modernidade. In: DIAS SOBRINHO, José; RISTOFF, Dilvo Ivo (orgs). *Universidade Desconstruída: Avaliação Institucional e Resistência*. Insular, Florianópolis, 2000, p. 15-35.

GOERGEN, Pedro. Prefácio. DIAS SOBRINHO, José. *Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?* Casa do psicólogo, São Paulo, 2005.

Knight, Jane. Um modelo de internacionalización: respuesta a nuevas realidades y retos (capítulo 1). In Witt, Hans; Jaramillo, C.; Gacel-ávila, J. y Knight, Jane. **Educación superior em América Latina. La dimension internacional**. Bogotá: Banco Mundial y Mayol Ediciones, 2005.

Krawczkzik, Nora e Sandoval, Salvador Antonio Mireles. O processo de regionalização das universidades do Mercosul. **Educação Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 647-668, maio/ago. 2012.

LEITE, Denise B. C. A Avaliação em Prática. *Revista Avaliação*, Campinas, V.1, n.1, Julho 1996, p. 33-41.

LEITE, Denise B. C. Avaliação e Tensões Estado, Universidade e Sociedade na América Latina. *Revista Avaliação*, Campinas: V.2, n. 1 (3), mar 1997, p. 7-17. 221

LEITE, Denise B. C. *Brasil Urgente! Procuram-se! Identidades da Universidade*. *Revista Educación Superior y Sociedad* **JCR**, v. 15, p. 91-106, 2010.

LEITE, Denise B. C. *Reformas Universitárias: avaliação institucional participativa*. Vozes, Petrópolis - RJ, 2005.

Leite, Denise. Brazilian Higher Education from a postcolonial perspective. **Globalisation**,

Societies and Education, London, Routledge, v. 8, n.2, p.219-233, June 2010.

Leite, Denise; Genro, Maria Elly. QUO VADIS? Avaliação e internacionalização da Educação Superior na América Latina e Caribe. In: CLACSO, Premio Pedro Krotzsch de Estudios sobre la Universidad. Leite et al. **Políticas y perspectivas sobre a evaluación universitária em América Latina y el Caribe**, 2011.

LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos. *Avaliação Institucional: entrelaçando as vozes e tecendo os fios do silêncio*. Diss. de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação - UFRGS, 2002.

LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos. *Avaliação Institucional: o uso dos resultados como estratégia de (re)organização dos espaços de discussão na universidade*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2008

Lima, Manolita Correia e Maranhão, Carolina, M. S. O Sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Revista Avaliação - RAIES**. Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 3, p.583-610, nov. 2009.

LUZ, Madel T. Prometeu Acorrentado: Análise Sociológica da Categoria Produtividade e as Condições Atuais da Vida Acadêmica. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15 (1), p. 39-57, 2005.

MORAES, Maria Célia M. de. *Recuo da Teoria: Dilemas na Pesquisa em Educação*. In Revista Portuguesa de Educação CEEP: Universidade de Ninho. 2001

reimpressão, Ed UFMG, Belo Horizonte, 2001.

reimpressão, Ed. da UFSC, Florianópolis, 2004.

ROBERTSON, Robert. Globalization or glocalization? **Journal of International Communication**, v1, n1, p.33-52, 1994.

Robertson, Susan L. Desafios das Universidades num mundo globalizado. Trabalho apresentado ao Seminário Internacional sobre Qualidade na Educação Superior: Indicadores e desafios. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil.

ROBERTSON, Susan L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 42 set./dez. 2009, p. 407- 422.

RODRIGUEZ GÓMEZ, Roberto. **Las universidades en América Latina: ¿reformadas o alteradas? La cosmética del poder financiero**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa *Pela Mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade*. 6. ed. Cortez, São Paulo,

SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Civilização

SANTOS, Boaventura de Sousa (org). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. Cortez, São Paulo,

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da*

SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio LEITE, Denise B. C. *Reformas universitárias: Texto publicado na revista A Página da Educação, n. 205, série II, verão 2015, pp. 32-33. Universidade. Texto digitado.*